

CASTRO ALVES E A TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA BRASILEIRA, A SEMENTE DO REALISMO.

Fabricia Carla Xavier dos Reis ¹

Bento Souza Borges²

*"Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar."*

*Castro Alves – O Livro e a América –
In Espumas Flutuantes*

Resumo

Este trabalho parte da premissa de analisar o poeta romântico Castro Alves, buscando explorar suas obras e assim compreender como a sua poesia se torna um prelúdio para a próxima escola literária: o Realismo. Para isso este artigo utiliza trechos do Poeta dos Escravos e analisa o Romantismo, dando enfoque para a terceira fase, e também o Realismo em sua essência, assim permitindo comparar as características destes períodos tão distintos.

Palavras-chave: Literatura. Literatura brasileira. Castro Alves. Romantismo. Realismo.

Resumén

Este trabajo parte de la premisa de analizar el poeta romántico Castro Alves, buscando explorar sus obras y así comprender cómo su poesía se convierte en un preludio para la próxima escuela literaria: el Realismo. Para esto este artículo se utiliza de fragmentos del poeta de los esclavos y analiza el Romanticismo, dando enfoque a la tercera fase, y también al Realismo en su esencia, así permitiendo comparar las características de estos períodos tan distintos.

Palabras-clave: Literatura. Literatura brasileña. Castro Alves. Romantismo. Realismo.

¹ Graduanda em Letras Português Espanhol pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-FUCAMP, em Monte Carmelo-MG. ✉ fabricia_carla@yahoo.com.br.

² Professor de Literatura Brasileira- orientador ✉ bentoprof@yahoo.com.br

Introdução

Castro Alves, o Poeta dos Escravos, teve, em sua curta trajetória de vida, a oportunidade de escrever sobre aquilo que sentia e em que acreditava, vivendo tão intensamente suas paixões quanto seus ideais.

Dessa forma, pode-se perceber suas obras como relevantes na evolução da literatura brasileira, sendo o próprio Romantismo uma mudança concreta na literatura vigente até então, que apesar de ainda se basear em obras e autores europeus, passa a produzir suas próprias obras e a dar voz à cultura e às belezas do País, falar de seu povo ora maravilhado pelas vitórias político-econômicas, ora desiludido pela falsa sensação de progresso, tornando-se introspectivo e deprimido. Para então, em sua última fase, buscar mostrar algo mais próximo do real e sanar lapsos deixados pelas fases anteriores, como, por exemplo, a sua preocupação com a situação dos escravos no Brasil, que segundo Costa (2009):

O projeto literário romântico brasileiro expressou-se, fundamentalmente, por meio do Indianismo e do Regionalismo. Como o pensamento romântico centrava seu olhar no passado, na busca das raízes para a compreensão do nacional, alguns literatos se voltaram, fundamentalmente, para o índio, aquele que aqui já vivia antes da chegada dos portugueses, e, pautados numa compreensão da história como busca das origens, adotaram o índio como “genuíno” representante do homem brasileiro, como o fizeram Gonçalves Dias e José de Alencar, dentre muitos outros.

[...]

Esses escritores e poetas românticos, ao buscarem a identidade do homem “genuinamente” brasileiro, seja no índio ou no sertanejo, olvidavam por completo a presença dos afrodescendentes. Com o olhar fortemente engessado para o outrora, o presente, para esses intelectuais, por si só, não tinha existência própria e nem lhes conferia significados. A visão deles era míope para um presente constituído por milhares de escravos,¹⁶ desconheciam um território negro, onde o trabalho era sinônimo de escravidão (COSTA, 2009).

Castro Alves, então sensibilizado pela situação dos escravos e incentivado pela abolição da escravatura nos Estados Unidos, vem a público declamar seus versos onde retrata a abominação do tratamento do ser escravizado, com características que fogem já as características românticas, se voltando mais para um realismo premente, que se desenvolve na próxima escola literária. Segundo Da Costa (2009):

Castro Alves, enquanto poeta, inventou uma linguagem capaz de quebrar o silêncio sobre o negro escravo e a escravidão, ditado pela colonização na história e na literatura do país, desconstruindo, desse modo, discursos literários hegemônicos que celebravam o índio, o

amor, os costumes e a cultura urbana. Sua poesia deu visibilidade ao “outro”, àquele que veio do outro lado do Atlântico pela força bruta da máquina escravocrata, contribuindo para que o diferente despontasse na sociedade brasileira no período em pauta (COSTA, 2009, p. 9)

Assim, a importância em estudar Castro Alves vem ao encontro da ideia de entender o que veio a ser a Fase Condoreira do Romantismo e o motivo pelo qual tal fase passa a introduzir formas de pensar e descrever que seriam precursoras do Realismo no Brasil.

Para se concluir este trabalho, foi necessário então realizar uma pesquisa bibliográfica, que contou com o embasamento nas obras de Maria Luiza Abaurre para o entendimento do que é a literatura brasileira e sua História, Ligia Cademartori, Domicio Proença Filho e Massoud Moisés no embasamento sobre os períodos literários e seu período histórico. Para o aprofundamento na história e obra de Castro Alves,¹ os autores Afrânio Peixoto, Ana Patrícia Frederico Silveira foram de grande importância.

1 Conceitos de Literatura

A literatura está longe de ter uma definição simplificada, visto que a palavra possui vários significados ao decorrer dos séculos e também várias interpretações dentro do contexto inserido, mas pode-se esclarecer seus conceitos e tentar explicar sua essência.

A palavra literatura tem sua origem do latim *litteratura*, que significa instrução, saber relativo à arte de escrever e ler, significando também gramática, alfabeto, erudição, sendo, portando, ligada em seus primeiros conceitos ao significado de ensino da língua e à erudição. Já no século XVI, passa a ser associada ao conceito cristão definido por autores como Cassiano e S. Jerônimo que determinam que “literatura” seriam os textos pagãos e “escritura” os textos sagrados. Esse fato se modifica na segunda metade do século XVIII, segundo Silva (1976), e a palavra literatura passou por “uma profunda evolução semântica” denominando-se, a partir de 1772, o conjunto de obras literárias de um país. No final do século XVIII, passa finalmente a ter seu mais importante significado, a definição de fenômeno literário em geral, sem estar limitada a uma literatura nacional, tendo sentido “[...] de criação estética, como específica categoria intelectual e específica forma de conhecimento”, ainda segundo Silva (1976) e assim prossegue sua evolução semântica até os dias atuais.

Dessa forma, de acordo com essa evolução semântica, podem-se destacar os seguintes significados, entre outros, para a palavra literatura: (a) Conjunto de produção literária de uma época; (b) conjunto de obras com características semelhantes, quer em sua origem, temática ou intenção; (c) bibliografia existente sobre um assunto específico; e (d) conhecimento organizado do fenômeno literário.

Assim percebe-se que a significação do que vem a ser “literatura” é muito ampla, visto que a mesma é uma arte como na definição de Veríssimo (2015, p. 8), “Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isso é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura.”, assim se percebe que sua essência ultrapassa os seus significados semânticos, ficando à mercê da interpretação de acordo com o contexto histórico, sociocultural e intelectual.

2 Os Períodos Literários Brasileiros

Os Períodos Literários, ou ainda escolas, correntes ou movimentos literários, podem ser definidos como um espaço de tempo no qual se determinam fases histórico-culturais em que se notam valores estéticos e ideológicos semelhantes entre si, que se relacionam em seu estilo e em sua visão de mundo, como se percebe na fala de Cademartori:

Todo momento histórico apresenta um conjunto de normas que orienta e caracteriza suas manifestações culturais, constituindo o que se chama de estilo da época. Ou seja, o estilo de época que caracteriza a produção cultural de um determinado momento histórico se orienta por normas que agem como princípio regulador, estabelecendo regras para a criação, prescrevendo os traços que devem apresentar e circunscrevendo sua abrangência. (CADEMARTORI, s.d)

Dessa forma, os períodos literários servem como norteadores para situarmos culturalmente e historicamente as obras literárias. Seu início ou final não é algo exato, ficando dependentes da história – crises políticas, mudanças violentas ou condições opressivas. A criação de novas artes e estilos faz com que os artistas busquem novas formas de expressão, o que permite que a literatura acompanhe essa mudança.

Contudo, uma nova vertente literária não apaga a anterior, podendo elas coexistirem em um mesmo período temporal; isso permite que o início e o fim de um período não seja meramente um se sobrepondo ao outro, mas uma tentativa de se colocar ordem de acordo com as semelhanças determinantes entre si.

As divisões da literatura no Brasil podem ser representadas didaticamente conforme vemos no Quadro 1, baseado em Moisés |(1997).

Quadro 1 Períodos da literatura brasileira

Período	Época	Características
Era colonial		
Literatura de Informação	Séc. XVI	✓ Visão documental e paradisíaca da nova terra
Barroco	Séc. XVII	✓ Expressão ideológica da Contra-Reforma ✓ Conflito entre corpo e alma ✓ Temática do desengano ✓ Linguagem conflituosa e ornamentada
Arcadismo	Séc. XVIII	✓ Ligação com o Iluminismo ✓ Celebração do racionalismo ✓ Razão = verdade = simplicidade ✓ Imitação dos clássicos ✓ Imitação da natureza (campestre) ✓ Canto da vida pastoril
Era Nacional		
Romantismo	Primeira metade do Séc. XIX	✓ Individualismo e subjetivismo ✓ Sentimentalismo ✓ Culto da natureza ✓ Imaginação e fantasia ✓ Liberdade de expressão ✓ Valorização do passado
Realismo	Segunda metade do Séc. XIX	✓ Objetividade ✓ Verossimilhança ✓ Racionalismo (análise psicológica e social) ✓ Predomínio do urbano ✓ Busca da perfeição formal
Naturalismo	Segunda metade do século XIX	✓ Todas as características do Realismo mais: ✓ Cientificismo (adoção de "leis científicas" que determinam os personagens)
Parnasianismo	Duas últimas décadas do século XIX	✓ Objetividade e impassibilidade ✓ Teoria da Arte pela Arte (Verdade = Beleza = Forma) ✓ Perfeição formal: métrica e rima ✓ Temática (descrição de objetos e antiguidade greco-romana)
Simbolismo	Última década do século XIX	✓ Subjetivismo ✓ Nova linguagem poética ✓ Utilização de símbolos e metáforas ✓ Culto do mistério ✓ Religiosidade mística
Pré-Modernismo	Duas primeiras décadas do século XX	✓ Mescla de estilos e temas ✓ Preocupação social
Modernismo	Se inicia em 1922	✓ Liberdade absoluta de expressão ✓ Valorização do cotidiano ✓ Linguagem coloquial ✓ Paródia e verso livre ✓ Ausência de fronteira entre os gêneros ✓ Nacionalismo crítico e irônico

2.1 O Romantismo

Tendo por pano de fundo os ideais iluministas, a Revolução Francesa traz à baila mudanças no perfil político, social e cultural que levariam ao mundo novas maneiras de pensar e ver a forma de se viver. Com isso abalando o ideal absolutista das monarquias e desencadeando diversas transformações políticas em diversos países. Trazendo assim a ascensão da burguesia no século XVIII, marcando o progresso tecnológico que se expande pela Europa e a consolidação do Capitalismo como novo sistema econômico.

Dessa forma, a burguesia chega ao poder, e a arte passa a estar voltada para esse novo público ávido em ter suas representações artísticas e estéticas para assim consolidar as expressões que o reconheçam como ícone dessa nova sociedade tão diferente da nobreza que até então era detentora das manifestações artísticas e culturais.

É nesse cenário no início do século XVIII que surge o Romantismo, rompendo com os ideais racionalistas e iluministas, buscando encontrar o sentido para a vida e para o mundo no sentimentalismo e na fuga dessa realidade por eles considerada dura e ingrata.

Para romper com a postura racional da estética árcaica, o movimento romântico interpreta a realidade pelo filtro da emoção. Combinada à originalidade e ao subjetivismo, a expressão das emoções definirá os princípios da nova produção artística.

O romântico considera a imaginação superior à razão e à beleza, porque ela não conhece limites. Por esse motivo, a originalidade substitui a imitação, que desde a Antiguidade Clássica orientava o olhar do artista para o mundo, no processo de criação. Livres da influência passada, os novos artistas encontram na própria individualidade, traduzida pelas emoções que sentem, as referências para a interpretação da realidade (ABAURRE; PONTARA, p.217)

Assim se podem verificar as características primordiais do Romantismo europeu, que traz nos sentimentos exacerbados e na exaltação da imaginação humana, o que por fim determina a fuga da realidade como forma de sobrevivência intelectual.

Com o novo público, veem-se também mudanças na linguagem utilizada, passando da linguagem mais rebuscada para uma liberdade na escrita. Os esquemas métricos e as rimas rebuscadas são deixados de lado em detrimento de linguagem de mais fácil entendimento que permitissem um envolvimento maior de seus novos leitores.

Esse movimento, tão inspirador na Europa da época, não deixaria de inspirar também os autores brasileiros que buscavam uma forma de encontrar sua identidade literária. Inspirados pela conquista da independência política em 1822, esses autores utilizam do Romantismo para evidenciar as belezas e os talentos brasileiros, produzindo

obras pautadas na temática romântica, mas buscando sempre representar suas vivências cotidianas em suas obras.

O Romantismo na literatura brasileira tem seu início em 1836, graças ao livro “Suspiros Poéticos e Saudades”, de Gonçalves Magalhães, que se tornaria um marco na história literária. Tal fato mostra-se então precursor do que seria uma “ideologia romântica, argamassada ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX” (MOISÉS, 1997), que marcaria um período no Brasil em que os autores encontrariam sua escrita única e característica que passa a ser dividida em três fases distintas marcadas pelo nacionalismo na primeira fase, pelo pessimismo na segunda fase e pela poesia de cunho social na terceira e última.

2.1.1 Primeira Fase – Nacionalista/Indianista

A primeira fase do romantismo ficou marcada pela influência da Independência do Brasil. Esse sentimento patriótico visava a identificação de suas obras com suas raízes históricas, linguísticas e culturais, buscando construir uma arte brasileira. Com isso há uma busca por suas origens, fortemente marcada pelo indianismo e pelos elementos da fauna e da flora brasileiros, na qual ambos eram exaltados: o índio como herói, embora sendo o mesmo uma personagem idealizada com características do homem civilizado, mas ainda assim representante do “ser brasileiro” original e as belezas da terra como a essência do próprio país.

Nesse período pode-se citar José de Alencar com seu romance “O Guarani” que traz o índio Peri como um herói idealizado citado pelo autor como um “índio com alma de fidalgo” (O Guarani – 2000), sendo o romance narrado de forma bastante descritiva como é característica do autor, detalhando personagens e sobretudo a fauna e flora exacerbando as belezas naturais do país. Na poesia destaca-se Gonçalves Dias, que com os mesmos ideais de patriotismo e valorização do nacionalismo, traz em suas obras o sentimento de otimismo e esperança de um futuro promissor para a pátria, considerada por ele ímpar sobre as outras terras.

Essa fase é a precursora do Romantismo e da literatura brasileira, visto que até a escola anterior, o Arcadismo, tínhamos a literatura compartilhada com Portugal.

2.1.2 Segunda Fase – Ultrarromântica

A segunda fase do romantismo brasileiro, chamada de Ultrarromântica ou Byroniana – por influência das obras de George Gordon Byron, (1788-1824) –, ficou marcada como a geração influenciada pelo Mal do Século contrário ao otimismo reinante em sua primeira geração, nesta fase as obras passam por uma introspecção, onde o eu lírico se preocupa mais consigo mesmo que com o que ocorre a sua volta, pessimista e apegado aos vícios. O sentimentalismo é exagerado aparecendo na poesia de forma idealizada, com constante apego a elementos como a noite, melancolia, sofrimento, morbidez, o amor irrealizável e o sentido da morte como solução para tudo. Como exemplo dessa fase pode-se destacar Alvares de Azevedo na prosa, com sua obra “Noite na Taverna” na qual desenrola uma narrativa lúgubre e desesperadora, e Cassimiro de Abreu na poesia onde o poeta trata de saudosismo e sentimento pela morte como bem-vinda e como solução para seus problemas.

2.1.3 Terceira Fase – Condoreira

Inspirada nas obras do francês Victor Hugo (1802-1885) a terceira geração muda o enfoque de suas obras, passando a apresentar um foco político e social, trazendo para ela as ideias abolicionistas e republicanas. O nome de geração condoreira vem da comparação com o condor, ave de que voa muito alto, como seus poetas e seus altos voos por seus ideais.

O seu foco está direcionado na realidade social e na crítica à sociedade, um precursor do que viria a ser o Realismo, mas diferente deste, a terceira fase do Romantismo ainda se encontra envolvida com o sentimentalismo, onde o eu lírico faz sua crítica, mas de acordo com sua visão de mundo e demonstrando suas emoções. Entre os exemplos dessa geração se encontra Castro Alves, com sua poesia caracterizada por sua lírica amorosa onde a mulher passa a ter um papel real e sensualizado e também por sua poesia social, denunciando as desigualdades, os abusos da escravidão e da condição dos negros escravizados, tendo seu auge com sua obra “Navio Negreiro”.

2.2 O Realismo

O Realismo é a escola literária que se caracteriza por absorver de sua época vários princípios das correntes filosóficas vigentes entre elas o materialismo, a igualdade entre os homens em termos de condições, princípios, leis e finalidades, a constante evolução

dos seres, a importância da razão e do saber científico, embasado por fatos reais através da observação e análise da realidade, o distanciamento da subjetividade e a busca pelo objetivismo.

Essas características fazem destas obras que compõe esse período literário verdadeiras reproduções do viver contemporâneo do autor, o qual passa a narrar fatos que observa ou conhecimentos empíricos mas sem, contudo, exprimir seus próprios sentimentos na narrativa.

Na obra realista os personagens são produtos da objetividade do autor que cria ou recria, não confundindo seus próprios sentimentos com o que retratam suas personagens, se apresentando como um observador de sua história, como diz Filho (2009):

Aproveitemos para recordar: enquanto a personagem romântica foge, no seu choque com o mundo, para uma realidade imaginada ou para a própria morte, numa atitude pessoal, subjetiva, o herói realista é uma vontade em choque com o mundo que acaba vencida por ele, pois, afinal, como quer a concepção realista, o homem não tem sobre os outros seres quaisquer privilégios especiais: está sujeito às mesmas leis de evolução. Assim, o autor pode apontar as causas que, numa dada sociedade, provocam determinados efeitos e propugnar pela mudança do *status quo* vigente (PROENÇA FILHO, 2009, p. 241)

Ainda se pode perceber nas obras realistas a preferência pelo cunho narrativo, em que observamos a sua preocupação de nos apresentar sua visão a partir da observação do mundo que o cerca, assim fugindo ao romantismo que o antecede e que busca narrar o passado saudoso ou o futuro cheio de esperança. E como observa seu entorno social, que é uma herança advinda do condoreirismo da terceira fase do Romantismo, o Realismo também é marcado pela denúncia das desigualdades sociais, onde mostra muitas vezes nas cruzeiras da sociedade e de seus subúrbios, o que até então permanecia oculto ou idealizado pelo imaginário.

Também vemos destacado como característica de sua escrita clara, equilibrada e harmônica, a preocupação gramatical e com a perfeição formal. Além de retratar fielmente as personagens reproduzindo a realidade através de linguagem que exemplifica de forma simples e próxima da realidade, sem rebuscamentos excessivos, natural, lenta e preocupada com os mais minuciosos detalhes.

3 Castro Alves

Castro Alves, conhecido como o Poeta dos Escravos, é o patrono da cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Valentim

Magalhães. Foi um dos nomes mais marcantes da literatura romântica brasileira, expressando em sua poesia todo o seu sentimentalismo romântico de forma lírica e toda sua indignação contra os problemas sociais de seu tempo. Segundo Moisés (2000):

No balanço final Castro Alves reuniu condições excepcionais de talento literário, que uma vida repassada de passionalidade e aventura mais acentuou, tornando-o um dos maiores poetas do tempo e da literatura brasileira (MOISÉS, 2000, p. 204)

Suas denúncias a crueldade escravocrata, seu forte clamor pela liberdade, trouxe ao romantismo um sentido social e revolucionário que era a centelha do próprio realismo que o procederia.

3.1 Breve Biografia

Antônio Frederico de Castro Alves, nasceu no dia 14 de março de 1847 em Muritiba, BA filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, que morreu quando o poeta tinha 12 anos.

Estudou no colégio Abílio César Borges, onde foi colega de Rui Barbosa já demonstrando vocação apaixonada e precoce para a poesia. Em 1864 matricula-se na faculdade de Direito, da qual cursa o primeiro ano em 1865 e onde se integra a vida literária acadêmica sendo reconhecido pelos seus versos deixando os estudos em segundo plano, no ano seguinte perde o pai e também conhece a atriz portuguesa Eugênia Câmara.

Em 1868 vai para São Paulo, escreve o drama Gonzaga que é representado e um grande sucesso. Mas rompe com Eugênia Câmara e deprimido, se fere durante uma caçada com uma descarga acidental de uma espingarda em seu pé esquerdo, que foi amputado no Rio de Janeiro em meados de 1869. Sua saúde já delicada por causa da tuberculose, piorou muito, passando o ano de 1870 em fazendas de parentes buscando melhoras na sua saúde. Passa a nutrir um amor platônico pela cantora italiana Agnese Trinci Murri, que se torna musa de alguns de seus mais belos versos. Nesse mesmo ano publica seu primeiro livro, *Espumas Flutuantes*, o único publicado em vida. Falece em Salvador, aos 24 anos, no dia 06 de julho de 1871, às três e meia da tarde, sentado junto a uma janela ensolarada contemplando o horizonte. Sobre seu passamento, nos fala Peixoto:

Ja morrer, aos 24 anos. Cumprira, porém, brevemente, o seu destino: Em seis anos fora do Recife a São Paulo, pela Bahia e pelo Rio, e

arrebatara multidões, propagando a abolição e a República; entoara os mais suaves cantos de amor e ardera nas chamas das paixões correspondidas; levava à cena o seu drama patriótico e imprimira o seu livro imortal, sob bênçãos e aplausos (PEIXOTO, 1931, 22).

Deixando assim a vida e um legado literário que transcende o tempo até os dias atuais, tornando-o imortal em sua obra.

3.2 Bibliografia

- A Canção do Africano;
- Gonzaga ou a Revolução de Minas, teatro;
- O Navio Negreiro
- Espumas Flutuantes;
- A Cachoeira de Paulo Afonso;
- Os Escravos;
- Hinos do Equador, edição de Obras Completas, 1921.

3.3 Cronologia

- **1847:** A 14 de Março, na fazenda Cabaceiras, perto de Curralinho, Bahia, Brasil, nasce António Frederico de Castro Alves, filho de D. Clélia Brasília da Silva Castro e do Dr. António José Alves.
- **1854:** A família Alves vai morar em Salvador.
- **1859:** Morte de D. Clélia, mãe do poeta.
- **1862:** António Frederico de Castro Alves e o seu irmão José António vão estudar no Recife.
- **1863:** Castro Alves publica “A Canção do Africano”, os seus primeiros versos abolicionistas. Apaixona-se pela atriz portuguesa Eugénia Câmara.
- **1864:** Desequilíbrio mental e suicídio de José António. Castro Alves matricula-se no 1.º ano da Faculdade de Direito de Recife. Escreve o poema “O Tísico” (ao qual dará depois o título “Mocidade e Morte”).
- **1865:** Em Recife, na abertura do ano letivo declama o poema “O Século”. Começa a elaborar os poemas de “Os Escravos”.

- **1866:** Morte do Dr. Alves, pai do poeta. Esse matricula-se no 2.º ano de Direito. Com Rui Barbosa e outros colegas funda uma sociedade abolicionista. É um dos fundadores do jornal de ideias “A Luz”. No Teatro Santa Isabel declama o poema “Pedro Ivo”, grande sucesso. Torna-se amante da atriz Eugénia Câmara e entusiasma-se pela vida teatral.
- **1867:** Conclui o drama “Gonzaga”. Com Eugénia Câmara deixa Recife e instala-se na Bahia. Estreia de “Gonzaga” e consagração do poeta. Retira-se para a chácara da Boa Vista.
- **1868:** Viaja para o Rio de Janeiro. José de Alencar e Machado de Assis tomam contato com a sua obra. Ainda com Eugénia Câmara viaja para São Paulo onde requer matrícula no 3º. Ano de Direito. Triunfo com a declamação de “O Navio Negreiro” em sessão magna. Sucesso de “Gonzaga” no Teatro de São José. Acidente de caça, tiro no calcanhar esquerdo.
- **1869:** Matricula-se no 4.º ano de Direito. A tísica progride, viaja para o Rio, hospeda-se na casa de um amigo. Amputação do pé esquerdo. Assiste ao desempenho de Eugénia Câmara, da qual se separara um ano antes. Torna à Bahia.
- **1870:** Pousa em Curralinho (hoje Castro Alves), sertão baiano, e depois na fazenda Sta. Isabel do Orobó (hoje Iteberaba). Regressa a Salvador da Bahia. Edição de “Espumas Flutuantes”
- **1871:** Apaixona-se pela cantora Agnese Trinci Murri. Agrava-se o seu estado de saúde. Morre a 6 de Julho.

4 A Poesia Condoreira e o Embrião do Realismo

A poesia condoreira marcada por sua preocupação com a sociedade, buscando questionar e criticar a monarquia vigente e a escravidão buscando os ideais sociais da república e da abolição que igualaria todos os homens. Mas também há o lado amoroso de sua poesia como ressalta Silveira (2006):

Entretanto, o eu-lírico da poesia amorosa de Castro Alves mostra-se satisfeito, uma vez que nela há uma outra concepção de amor e de mulher. Essa se torna mais próxima do amado, se torna tátil, desejante, desejosa, desprendida da idealização exacerbada e buscando a satisfação amorosa através do amor urgente e até mesmo

descomprometido. Na obra castroalvina, a carne e o espírito andam juntos, e o desejo é prioritariamente atendido. (SILVEIRA, 2006, p. 15)

Castro Alves nos mostra em sua obra tanto essa busca por uma sociedade mais justa, quanto poemas lírico-amorosos que tratam o amor não como idealização, mas como algo palpável e sensual, como nos diz Romero (1980, p. 1292):

Quem o lê atentamente nota logo dois tons fundamentais em sua lira: o lirismo gracioso dos amores, das paixões, das efusões particulares, e o cantar brilhante do socialista, do democrata social[...]. Ele transporta-nos para horizontes mais amplos, faz-nos assistir a lutas mais fortes, a paixões mais intensas, mostra-nos almas mais ativas e ousadas.

Assim, quando Castro Alves, em seu poema “O livro e a América”, diz:

Por isso na impaciência
Dessa sede de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É gémen — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.
Vós, que o templo das idéias
Largo — abris às multidões,
Pra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboc’los nus,
Fazei desse “rei dos ventos”
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão!...
Num poema amortilhada
Nunca morre uma nação.
Como Goëthe moribundo
Brada “Luz!” o Novo Mundo
Num brado de Briareu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...

Nestas três últimas estrofes do poema percebe-se a preocupação do poeta com a educação, sendo os livros para ele o que leva “o povo a pensar” com “o batismo luminoso das grandes revoluções”, comparando o livro a “luz que rola na terra”, a preocupação

social assim perpassa pelo conhecimento que uma nação deve prover a seu povo, levando-o a pensar.

Do poema celebre do autor, Navio Negreiro pode-se destacar os versos:

[...]

Por que foges assim, barco ligeiro?
 Por que foges do pávido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar — doudo cometa!
 Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.
 [...]
 III
 Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador!
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Já nestes versos percebe-se a linguagem rebuscada, o uso constante dos sinais de pontuação que demonstram a preocupação do poeta na declamação do mesmo, marcando assim a cadencia e a entonação do poema. Traz nesse início a figura do albatroz como testemunha dos atos que se passam no mar, e que empresta sua visão ao eu lírico para que esse acompanhe a esteira do navio e assim visualize as atrocidades ali cometidas.

IV
 Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 [...]
 Presa nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!
 No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibrai riço o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

O poeta segue descrevendo a cena, dos escravos sofrendo no convés do navio, enquanto seus algozes os fazem “dançar”, de uma forma realista, dura, permite que imaginemos o sofrimento dos cativos. A cada verso um novo horror, a cada verso mais e mais chama a reflexão do sofrer passado pelos escravos em alto mar, culminando em um brado a Deus, chamando-o por testemunha, tentando entender o que acontece ali:

V
 [...]

 Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer. .
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...
 Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto esse borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão! ...

O poeta nos permite presenciar toda a dor da escravidão, mostrando a sociedade da época o que realmente essa significava, que a escravidão era algo que tirava vidas e destruía seres, um verdadeiro grito pela liberdade de seres tão humilhados e sofredores, como até então não havia tido espaço em nossa literatura, que tanto engrandeceu os portugueses e índios na primeira geração romântica, mas que praticamente ignorou os escravos que aqui foram trazidos. Castro Alves com sua poesia consegue então reparar esse fato, declamando seus poemas como um grito pela liberdade:

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Mas a liberdade que Castro Alves bradava não era apenas para os escravos, bradava a liberdade dos sentimentos. Sua poesia lírico-amorosa mostra um amor livre, concretizável, real e sensual.

Os amantes podem enfim se unir e gozar de seus sentimentos, como vemos nos versos de “Os Três Amores”:

Na volúpia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,
Vós conheceis-me os trenos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és—Júlia, a Espanhola!...

O autor trata do amor sensual e da união concreta entre os amantes diferente das gerações anteriores onde havia um amor casto ou um amor idealizado, como nos versos de “O Adeus de Tereza”:

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

Comparado ao realismo, pode-se ver que sua obra já permite uma aproximação com a próxima vertente, posto que trata dos temas sociais e retrata a realidade de forma verossímil. Apenas seu sentimentalismo exacerbado que definem sua própria visão sobre o que diz faz com que o autor seja ainda pertencente ao romantismo, detalhes que não são vistos no realismo onde seus autores não se deixam levar pelas suas emoções e visões de mundo.

Considerações finais

Castro Alves se mostra um poeta versátil que consegue dar a mesma paixão a temas tão distintos, seja a falar dos problemas sociais seja a clamar de forma apaixonada o amor. Sua vastíssima obra permite que presenciemos a evolução da própria literatura, que se modifica e transforma dentro de uma mesma escola literária, perfazendo tantas obras com características distintas. Nesta evolução percebe-se a importância da poesia

condoreira para o desenvolvimento do realismo, sendo a terceira geração romântica embrião para as obras realistas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela. **Literatura Brasileira** – Tempos, Leitores e Leituras. São Paulo: Moderna. s.d.

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

ALENCAR, José de. **O guarani**. São Paulo: Ateliê, 2000.

ALVES, Castro. **Espumas Flutuantes**. São Paulo: Martin Claret, s/d.

_____. **O Navio Negreiro**. Disponível em <https://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/livros-classicos-de-literatura/o-navio-negreiro-castro-alves> - Acesso em 23/10/17.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. **Noite na taverna**. Clube de Autores, 2006.

Biografia de Castro Alves. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/biografia> - Acesso em 20/10/2017.

CADEMARTORI, Lígia. **Períodos Literários**. Série Princípios: Editora Ática, s/d. Disponível em https://ongpraxis.files.wordpress.com/2010/03/cademartori_lgia_-_perodos_literrios.pdf - Acesso em 20/10/17.

COSTA, Cléria Botelho. Justiça e abolicionismo na poesia de Castro Alves. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 33, n. 1, 2009.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 20a edição revista e aumentada. Editora Cultrix, 2000.

PEIXOTO, Afrânio. **Castro Alves: ensaio bio-bibliográfico**. Rio de Janeiro, 1931. Officina Industrial Graphica.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 15.ed., 4 impr. São Paulo: Ática, 2009.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Primeira Edição Brasileira – São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SILVEIRA, Ana Patrícia Frederico. **A poesia de Castro Alves: da crítica ao livro didático**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. João Pessoa/PB, Universidade Federal da Paraíba.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Atlântico Press, 2015.